



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
ISSN 2525-3441

*Edmilson José de Sá*

*Centro de Ensino Superior de Arcoverde*

*[orcid.org/0000-0002-1615-881X](https://orcid.org/0000-0002-1615-881X)*

*edjm70@gmail.com*

## *Variantes lexicais para João-de-barro em atlas linguísticos do estado de Pernambuco*

*RESUMO: Este artigo tem o propósito de apresentar um estudo de variação linguística de natureza lexical de modo a verificar as denominações registradas em atlas linguísticos de Pernambuco (ALMEIDA, 2009; FERREIRA, 2010; SÁ, 2013, 2017, 2018; SILVA, 2018). Por ora, foram analisadas as respostas da pergunta 066 do Questionário Semântico-Lexical (CARDOSO et al., 2001), aplicado em Pernambuco sobre as variantes para saber como se chama a ave que faz casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa? Percebeu-se que a riqueza da fauna brasileira vai além dos espécimes vislumbrados na ornitologia, mas na variedade de denominações com o que o pássaro é conhecido no Estado. No falar regional-popular, variantes como João-de-barro, Joana-de-barro, Maria-de-barro e Fura-barreiro foram registradas mais acentuadamente, o que atesta a existência de laços culturais que definem e caracterizam uma comunidade e se reforça através do léxico.*

*Palavras-chave: Léxico; João-de-barro; Atlas linguísticos de Pernambuco.*



## INTRODUÇÃO

A língua reflete o retrato de um povo e essa imagem pode ser conjecturada através do léxico e das combinações morfo sintáticas que ela compartilha quando expressa através dos atos de fala. Para justificar a heterogeneidade que esses

níveis apresentam, recorre-se a subáreas da linguística que amalgamam interferências externas à variação da língua, a exemplo da Sociolinguística, que se vale de dimensões diastráticas, da Dialetologia, que se vale de dimensões diatópicas, e da Etnolinguística, que aponta os efeitos antropológicos para que determinadas variantes se manifestem na fala de uma dada comunidade.

Para exemplificar a diversidade lexical, este artigo tem o intuito de apresentar denominações coletadas em atlas linguísticos já produzidos no Estado de Pernambuco para responder à pergunta 066 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) e também aplicada nos estudos realizados no estado nordestino em tela: *Como se chama a ave que faz casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?*

Além da exposição e da análise geossociolinguística das variantes registradas no *Atlas Linguístico Bidimensional do Sertão do Pajeú Pernambucano (ALBISERPE)* (SÁ, 2017), no *Atlas Linguístico da Pedra (ALIPED)* (SILVA, 2018), no *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALIPE)* (SÁ, 2013; 2016), e no *Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó e Ipanema Pernambucano (ALQUIMIPE)* (SÁ, 2018), será feita uma análise léxico-semântica das denominações distribuídas nas cartas linguísticas desses atlas.

Os atlas que nortearão este artigo foram construídos à luz da metodologia do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014), com inquéritos de informantes selecionados conforme um perfil pré-determinado equitativamente pelo sexo, pela faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65) e pela escolaridade (Ensino Fundamental I, completo, e no caso da capital, o mesmo perfil de informantes com nível superior completo, como reza a metodologia de pesquisas geolinguísticas).

Para a análise léxico-semântica, os pressupostos teóricos ficam a cargo de produções lexicográficas de autoria de Caldas Aulete (1980), Ferreira (2004), Houaiss (2009), Rocha (2001) e Navarro (2013) e de obras da ornitologia brasileira, referendadas por Figueiredo (1995), Lopes (2000) e Farias (2000).



## DIALETOLOGIA E LÉXICO

Estudos relacionados à variação linguística costumam ser realizados a partir de diferentes níveis internos à linguagem falada, como o fonético, o lexical e o morfossintático. Porém, há, ainda, a abordagem que não depende da composição estrutural, mas de como as variantes se distribuem externamente tanto sob a influência diastrática, quanto diatópica.

No caso específico da variação lexical, se for tomada a acepção encontrada em Dubois (2007) de que esse nível de variação representa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana e de um locutor, tem-se a confirmação de que questões ideológicas, valores éticos, morais e culturais podem se manifestar na fala espontânea através do repertório vocabular presente na memória do falante. Por isso, concorda-se com Biderman (1990), quando afirma que esse repertório perpetua o legado cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais, compendiando valores e crenças.

Para manter esse legado documentado, pesquisadores têm recorrido a linhas de descrição linguística como a Sociolinguística, em que dimensões diastráticas como sexo, faixa etária e escolaridade permitem uma justificativa externa para a existência da variação; a Dialetoлогия, cujo foco parte do estabelecimento de limites geográficos para o registro das variantes mais (e menos) acentuadas; e a Etnolinguística, que visa ao estudo da heterogeneidade linguística associada à cultura do falante.

Considerando a preocupação encontrada em Barbosa (1993, p. 158) de se compreender a relação entre a língua, a sociedade e a cultura, pois são

"indissociáveis, já que interagem continuamente e constituem, na verdade, um único processo complexo", convém enfatizar, neste artigo, a variação geográfica, conferida à Dialetoлогия.



Nessa perspectiva, a análise parte da verificação da variação linguística de um lugar para outro, embora compreender os modos distintos de falar não sejam o principal foco, como atestam Chambers e Trudgill (1998, p. 70):

O que é importante é que essa variabilidade correlaciona-se com outros fatores, de modo que certas variantes são mais estreitamente associadas a uma vila do que a outra, a trabalhadores mais do que aos gerentes, a pessoas que falam com amigos próximos, em vez de estranhos, ou a algum outro fator.

A Dialetoлогия usufrui de um método oriundo da Geografia como uma das principais formas de registro da variação da língua. Chamada de Geografia Linguística ou simplesmente Geolinguística, trata-se de uma técnica de análise linguística que consiste no registro em cartas da distribuição geográfica de cada traço dialetal, como conceitua Câmara Jr. (2009, p. 15). Esse método pressupõe:

[...] o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais), comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (COSERIU, 1987, p. 79)

159

Assim, trata-se de um método que se utiliza do método cartográfico para analisar a língua diatopicamente, delimitando marcas dialetais, por meio de um atlas com certa quantidade de cartas necessárias ao registro das principais realizações fonético-fonológicas, semântico-lexicais, morfossintáticas, pragmáticas e prosódicas.

No Brasil, os estudos geolinguísticos adquiriram seu lugar de destaque com o primeiro atlas linguístico elaborado no Brasil pela equipe coordenada pelo prof. Nelson Rossi. O *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, concluído em 1963, serviu de inspiração a outros atlas regionais, enquanto o desejo de Nascentes (1958) de ter um atlas nacional não se tornava realidade, o que só que ocorreu no ano de 2014, com a primeira publicação do *Atlas Linguístico do Brasil – AliB* (CARDOSO et al., 2014).

No caso de Pernambuco, estudos dessa natureza foram iniciados em 2009, com a construção do *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASPE* (ALMEIDA, 2009), seguido pelo pioneiro trabalho a nível municipal, o *Atlas Linguístico de Buíque – ALIBUI*, elaborado por Ferreira (2010).

Além desses, outros atlas foram elaborados conforme descrição disposta no quadro 1.



**Quadro 1:** Atlas Linguísticos do Estado de Pernambuco

| Atlas     | Autor        | Pontos de Inquérito  | Número de Cartas  |
|-----------|--------------|--|---|
| ALIPE     | Sá (2013)    | Afrânio, Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Ouricuri, Salgueiro, Floresta, Tacaratu, Serra Talhada, Custódia, São José do Egito, Tupanatinga, Arcoverde, Águas Belas, Garanhuns, São Bento do Una, Taquaritinga do Norte, Palmares, Limoeiro, Recife | 6 introdutórias, 50 fonéticas, 47 léxicas, 8 morfossintáticas |
| ALBISERPE | Sá (2017)    | Afogados da Ingazeira, Carnaíba, Iguaraci, Ingazeira, Quixaba, Tabira  | 63 léxicas  |
| ALIPED    | Silva (2018) | Pedra  | 199 léxicas   |
| ALQUIMPE  | Sá (2018)    | Quilombos dos municípios de Águas Belas, Buíque, Custódia, Inajá e Sertânia  | 11 fonéticas e 21 léxicas                                     |

Fonte: o autor

## DADOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE

160

Dos atlas dispostos no quadro 1, foram selecionadas vinte e uma denominações para o pássaro joão-de-barro, a saber: joão-de-barro, joana-de-barro, maria-de-barro, fura-barreiro, maria-pobre, rolinha, garrincha, maria-bezerra, pardal, maria-fita, janica, bem-te-vi, churel, sabiá, fura-chão, janica-de-barro, barreiro, furão, rouxinol, pica-pau e joninha.

Em nível de comparação, convém verificar as denominações registradas comumente nos atlas pernambucanos, conforme disposto no quadro 2.

**Quadro 2:** Denominações para o *joão-de-barro* comuns nos quatro atlas pernambucanos estudados

|                | ALIPE | ALBISERPE | ALIPED | ALQUIMPE |
|----------------|-------|-----------|--------|----------|
| João-de-barro  | x     | x         | x      | x        |
| Joana-de-barro | x     | -         | x      | x        |
| Maria-de-barro | x     | -         | x      | x        |
| Fura-barreiro  | x     | x         | x      | -        |

Fonte: o autor

As demais respostas registradas, excetuando-se *maria-bezerra* e *joninha*, catalogadas apenas nos inquéritos do *Atlas Linguístico Quilombola*, se encontram cartografadas no *Atlas Linguístico de Pernambuco*, sobretudo como *ocorrências únicas*, não fazendo parte, portanto, do inventário linguístico comum aos falantes do município da



Pedra e dos municípios pertencentes ao Sertão do Pajeú, que ambientaram os outros dois atlas.

A fim de verificar como se explicam as denominações proferidas pelos informantes para responder à pergunta sobre o pássaro que faz casas de barro, serão consideradas as dimensões inerentes à Geolinguística Pluridimensional (THUN, 2000) e reiteradas em Margotti (2008).

## ANÁLISE DAS VARIANTES À LUZ DAS DIMENSÕES SOCIAIS E GEOGRÁFICAS

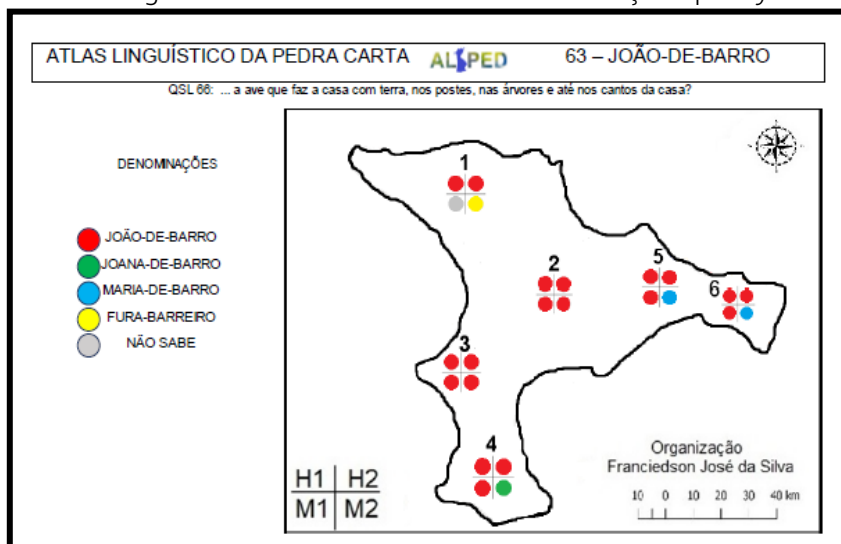
Para a análise em questão, serão consideradas apenas as denominações com percentual mais elevado de registro. No caso, os itens *joão-de-barro*, *joana-de-barro*, *maria-de-barro* e *fura-barreiro* serão analisados a partir da distribuição espacial nos atlas escolhidos para o texto e na perspectiva sociolinguística à luz da Geolinguística Pluridimensional.

Dos vinte pontos de inquérito do ALiPE, a denominação motivadora – *joão-de-barro* – se registra em dezessete deles, pois nos pontos 2 – Petrolina e 4 – Ouricuri, a ave é conhecida por *joana-de-barro* e nos pontos 7 (Tacaratu) e 10 (São José do Egito), chamam-na de *maria-de-barro*. Nos pontos 9 (Custódia) e 15 (São Bento do Una), o pássaro é denominado *fura-barreiro* ou simplesmente *barreiro*.

No atlas municipal ALiPED (SILVA, 2018), a denominação *joão-de-barro* também foi quase categórica, conforme é possível vislumbrar na sequência através da figura 1:



Figura 1: Carta linguística 63 do ALiPED com denominações para *joão-de-barro*



Fonte: Silva (2018)

No Pajeú pernambucano, apenas as denominações *joão-de-barro* e *fura-barreiro* se mantiveram registradas nos inquéritos, porém a segunda denominação só é conhecida em Quixaba – ponto 1. Na zona rural, a predominância pela resposta motivadora não se diferencia, fato esse verificado no *corpus* coletado para o ALQUIMIPE. Apenas no ponto 1 – Poço Dantas (Inajá), as respostas se dividiram entre *joão-de-barro* e *maria-de-barro*, enquanto *joana-de-barro* esteve presente apenas no ponto 4 – Riacho dos Porcos (Sertânia).

Considerando a dimensão diagenérica, verificar-se-á, na tabela 1, como ocorreu a distribuição das 128 ocorrências válidas em termos quantitativos e percentuais.

Tabela 1: Distribuição diagenérica das ocorrências para *joão-de-barro*

|                | DIMENSÃO DIAGENÉRICA (SEXO) |            |             |            |
|----------------|-----------------------------|------------|-------------|------------|
|                | Masculino                   |            | Feminino    |            |
|                | Ocorrências                 | Percentual | Ocorrências | Percentual |
| João-de-barro  | 45                          | 35%        | 30          | 23%        |
| Joana-de-barro | 3                           | 2%         | 5           | 4%         |
| Maria-de-barro | 5                           | 4%         | 8           | 6%         |
| Fura-barreiro  | -                           | -          | 2           | 1,5%       |
| Outras         | 15                          | 12%        | 15          | 12%        |
| Total          | 68                          | 53%        | 60          | 47%        |

Fonte: o autor

Conforme a tabela 1, a distribuição quantitativa das denominações para *joão-de-barro* se mantém com maior número de ocorrências para o homem, o que, de certa forma, é intrigante, considerando que se trata de um animal

que se ambienta principalmente em casas, das quais, normalmente, o homem passa parte do tempo fora, no





trabalho, enquanto a mulher, dona-de-casa, tende a construir um relatório linguístico mais elevado nesse ambiente. Em suas palavras, Figueiredo (1995, p. 2) menciona:

O João-de-barro, *Furnarius rufus*, é um dos pássaros mais populares e benquistos. Seu hábito de aproximar-se das moradias humanas mostrando confiança, o modo elegante de andar pelo chão, o canto alegre e pronunciado, a originalidade de seu ninho, são algumas das causas de sua popularidade.

Diante do fato de o percentual de heterolexidade, ou seja, o número de lexias ser mais elevado para o homem, supõe-se que a disparidade nos percentuais e a inibição por parte dos dados registrados na fala da mulher sejam influenciadas pela faixa etária do falante. Na tabela 2, na sequência, será possível verificar a distribuição das ocorrências conforme a dimensão diageracional.

**Tabela 2:** Distribuição diageracional das ocorrências para João-de-barro

| DENOMINAÇÕES   | DIMENSÃO DIAGERACIONAL (FAIXA ETÁRIA) |            |              |            |
|----------------|---------------------------------------|------------|--------------|------------|
|                | 18 a 30 anos                          |            | 50 a 70 anos |            |
|                | Ocorrências                           | Percentual | Ocorrências  | Percentual |
| João-de-barro  | 28                                    | 24%        | 36           | 31%        |
| Joana-de-barro | 3                                     | 2,5%       | 5            | 4%         |
| Maria-de-barro | 4                                     | 3%         | 9            | 8%         |
| Fura-barreiro  | -                                     | -          | 2            | 2%         |
| Outras         | 14                                    | 12%        | 16           | 13%        |
| Total          | 49                                    | 42%        | 68           | 58%        |

Fonte: o autor

Segundo se verifica na tabela 2, o maior número de ocorrências foi registrado na segunda faixa etária, com 58% das denominações, enquanto os falantes mais novos só perfizeram 42% do total. Não é de todo um grande diferencial, mas, considerando, inclusive, o percentual maior de outras ocorrências, verifica-se que se trata de uma ave cujos nomes mais presentes em manuais da ornitologia estão dando lugar a novas acepções que fazem alusão ao pássaro usar o barro para a construção do ninho, como *joana-de-barro*, *maria-de-barro* e *fura-barreiro*, conforme os hábitos que ela desenvolve como mostra Figueiredo (1995, p. 2):

Os nomes vulgares sempre se referem à relação da ave com o barro ou com o aspecto do ninho semelhante a um forno primitivo: João-de-barro; barreiro (RS); amassa-barro (MT); no Ceará: maria-de-barro, forneiro, oleiro e pedreiro. Na Argentina e Uruguai: hornero, copiado para o inglês: "ovenbird" ou o francês: "fournier" (Buffon) ou "fournillier".

Após esse perfil geossociolinguístico, cabe, ainda, uma análise de modo a constatar as convergências que



nortearam as escolhas dentre as denominações registradas nos inquéritos, inclusive, considerando as variantes pouco produtivas ou de ocorrência única.



## ANÁLISE DAS DENOMINAÇÕES PARA JOÃO-DE-BARRO

Considerando a ideia defendida por Barbosa (1993, p. 1), o léxico, no geral, "representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores", pretende-se, aqui, refletir sobre as escolhas lexicais dos pernambucanos para a denominação do *Furnarius rufus*.

Em Houaiss (2009), o joão-de-barro é conceituado como uma "designação comum às aves passeriformes, campestres, do gênero *Furnarius*, da família dos furnariídeos, representadas no Brasil por cinco espécies de plumagem ferrugínea." Esse conceito se torna mais amplo se comparado ao conceito encontrado em Rocha (2001), que apenas menciona uma "ave que constrói seu ninho com barro".

Nesse íterim, enquadra-se a perspectiva etnolinguística, a partir da qual "o léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio da sociedade (ARAGÃO, 2016, p. 560)". Logo, no caso do *joão-de-barro*, vem à tona a ideia simbólica de que se trata de um animal sagrado, pois lhe teria sido solicitado abrigo a Jesus, quando de sua prisão, conforme a crença popular relatada por um pantaneiro a Banducci Júnior (2007, p.126), de que quando o filho de Deus foi perseguido pelos romanos, chamou o joão-de-barro para fazer uma casa em que pudesse se esconder.

A popularidade de que se tem falado atinge, então, o viés linguístico, uma vez que a ave é assim nomeada e conhecida em quase todo o Brasil, não eximindo, obviamente, a diversidade de denominações de como ela é conhecida.

A variante *joana-de-barro* é mencionada por Nascentes (1966) como resultante do valor afetivo que o falante costuma dar ao denominar animais com nomes de pessoas e, no caso do nome feminino, a crença agrega o instinto materno da ave pelo fato de ela construir seu próprio ninho para abrigar os ovos. No Maranhão, Ramos et al (2012) citam essa variante, assim como o fez Isquerdo (2009), ao



relatar o registro de uma única ocorrência na localidade de Coxim, Mato Grosso do Sul, quando dos inquéritos para o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*.

A variante *maria-de-barro* está registrada em Caldas Aulete (1980) e em Ferreira (2004) e, considerando o sema 'ave fêmea', comunga da perspectiva apontada por Nascentes (1966) sobre o instinto materno em busca de estruturar o ninho para abrigar os ovos e os filhotes.

No caso de *fura-barreiro* ou *barreiro*, em obras lexicográficas, o substantivo derivado do *barro* se encontra registrado no feminino, como ocorre em Houaiss (2009) ao mencionar a variante *fura-barreira* como uma ave passeriforme da família dos furnariídeos (*Hylocryptus rectirostris*), encontrada no Paraguai e Brasil (BA, MG, SP e PR), com cerca de 21,5 cm de comprimento, plumagem parda, cabeça, uropígio, asas e cauda ferrugíneas. Também menciona uma variante regional de Pernambuco 'rapazinho dos velhos'. Segundo o mesmo autor, o *fura-barreira* tem a mesma característica ornitológica do 'joão-de-barro'.

Já em Navarro (2013), a ave *fura-barreira* se caracteriza por possuir 18 cm de comprimento, de bico vermelho, dorso marrom, garganta branca, colar pardo-amarelado e barriga branca manchada de preto. Porém, o mesmo autor comunga do conceito de Houaiss (2009) ao descrever a ave com comprimento superior.

### Outras denominações

Adotando a perspectiva encontrada em Biderman (1978, p. 139), quando afirma que "o universo semântico se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico", convém apresentar um breve panorama sobre as denominações que foram registradas nos inquéritos dos atlas pernambucanos em ocorrências reduzidas ou únicas, mas que representam o retrato do conhecimento regional, por fazerem parte do que caracteriza o Estado ou do conhecimento popular, quando ultrapassam suas fronteiras e não se justificam por interferências sociais.

A variante *garrincha*, registrada por um informante de pontos extremos como Petrolina (ponto 2) e São Bento do



Una (ponto 15), apresenta origem duvidosa, talvez uma alteração de *garrica*, também designando o pássaro *cambaxirra*. Segundo encontrado em Ferreira (2004), *garrincha* constitui uma variante para rouxinol, um pássaro da família dos *Troglodytidae*, que faz o ninho nas sobras do ninho do João-de-Barro, o que *per se* já sinaliza o desconhecimento do informante ao denominar o pássaro com o nome de outra ave. Para Houaiss (2009), pode ter sua origem em *carriça*, substantivo feminino também designativo da ave cambaxirra. *Carriça* vem de *carriço* com troca da vogal final. Já *carriço*, por sua vez, constitui um substantivo masculino, advindo do latim vulgar *cariceum*, 'tábua', 'espadana ou junco das lagoas'.

Ferreira (2004) classifica o termo como regionalismo de Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia e o rotula como uma variante lexical para *garriça*. Essa, por sua vez, conforme encontrado no livro *Brasil 500 pássaros* (Lopes et al., 2000), trata-se de uma ave passeriforme, trogloditídea (*Troglodytes musculus*), distribuída pelo Brasil e países limítrofes, de coloração parda, avermelhada no crisso e na cauda, usando, como ninho, qualquer cavidade abandonada, inclusive um ninho do *João-de-Barro*, que pertence à família dos *funariídeos*.

A *maria-fita*, registrada em Floresta (ponto 6), segundo catalogação feita por Farias, Brito e Pacheco (2000, 49), trata-se de um pássaro da família *coryphospingus pileatus*, conhecido também por *tico-tico-do-sertão*, *abre-e-fecha*, *sinhá-fita*, *fita-vermelha* e é facilmente encontrada no Sertão de Pernambuco, em caatingas de outros estados brasileiros e também fora dele. A referência à fita se deve à faixa na cabeça do pássaro.

As variantes *janica* (Ouricuri – ponto 4) e *janica-de-barro* (Santa Maria da Boa Vista – ponto 3) não se encontram dicionarizadas nas obras consultadas para este trabalho, mas condizem com o léxico baiano, conforme catalogado por Santana (2017). Isso também ocorreu com *joana-de-barro*, *maria-de-barro* e *maria-pobre* (Santa Maria da Boa Vista – ponto 3) com a mesma acepção de *João-de-Barro*.

Ao denominar o *João-de-Barro* de *churel* (Petrolina – ponto 2), tem-se um

caso de resposta que designa o nome de outro pássaro, pertencente à família dos *passer domesticus*. Churel, portanto,



constitui uma variante para *pardal*. Logo, o informante de Petrolina parece não ter conhecimento do passarinho nomeado de *joão-de-barro*.

As variantes *furão* e *fura-chão*, embora não dicionarizadas, parecem apontar para o sema 'pássaro que fura', o que pode justificar a escolha do informante por essas denominações para o *joão-de-barro*, já que a ação de furar se constitui o que o pássaro faz exatamente para coletar o barro e construir o seu ninho.

Percebeu-se na catalogação dos dados do ALiPE que informantes de diversos pontos de inquérito denominam o *joão-de-barro* com nomes de outras aves, por não conhecerem a ave em questão ou apenas por pressa em concluir o questionário. A variante *pica-pau*, por exemplo, trata-se de uma variante que se encontra em outro trabalho geolinguístico.

No ALiPE (SÁ, 2013), a variante pica pau foi registrada em Águas Belas (ponto 13), Garanhuns (ponto 14), Palmares (ponto 18) e Limoeiro (ponto 19), fato que também ocorreu no *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do litoral norte de São Paulo* (ENCARNAÇÃO, 2010), no primeiro ponto de inquérito - Caraguatatuba. A partir do conceito encontrado em Houaiss (2009), já se percebe que a ave possui características diferentes do *joão-de-barro*:

Designação comum às aves piciformes, insetívoras, da família dos picídeos, encontradas em quase todo o mundo, com exceção da Austrália, Nova Guiné, Nova Zelândia e Madagascar; de bico forte e reto, usado para martelar a madeira em busca de insetos, língua vermiforme e muito comprida, pés zigodátilos e cauda com penas endurecidas, usadas como apoio para subir em árvores (...) Abrem cavidades no tronco das árvores, a fim de servirem como ninho ou local para dormir.

Houve ocorrências em Ouricuri (ponto 4), Custódia (ponto 9) e Águas Belas (ponto 13) para *rolinha*, que se trata de uma ave encontrada em campos e caatingas em grande parte do Brasil e países adjacentes, que atinge 16 cm de comprimento e possui plumagem acinzentada com preto e branco nas asas e branco na cauda (HOUAISS, 2009).

Casos de ocorrências únicas, mas que designam outras aves, possivelmente por desconhecimento da resposta, também foram registradas. Porém, ao se concordar com Aragão (2013) quando afirma que, graças ao léxico e suas relações

contextuais, é possível compreender a visão de mundo do falante, torna-se oportuno, então, destacar denominações como *pardal* - Tupanatinga (ponto 11); *lavadeira* - Caruaru (ponto 17); *bem-te-vi* - Palmares (ponto 18); *sabiá* - Recife (ponto 20) e *rouxinol* - Taquaritinga do Norte (ponto 16).



Assim, as denominações relacionadas a aves que fazem parte da realidade do falante, graças à sua variabilidade, apresentam resultados produtivos, sobretudo para estudos geossociolinguísticos e etnolinguísticos, a exemplo do que aqui foi explorado.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de os estudos descritores da língua falada em Pernambuco já assumirem lugar destaque há mais de uma década, pesquisas e análises lexicais ainda se encontram embrionárias, a despeito de existirem alguns atlas linguísticos já concluídos no Estado e trabalhos de pós-graduação *lato sensu* ou de análises que têm culminado em dissertações e teses sobre campos distintos.

Ao catalogar os dados referentes às respostas sobre a ave que constrói casas na árvore ou nos cantos da casa, percebeu-se um número de variantes comuns nos atlas construídos em pontos do Estado de Pernambuco. Neles a variante *joão-de-barro* se apresentou com maior assiduidade.

Vale salientar, ainda, que as variantes *joana-de-barro* e *maria-de-barro* insinuam o certo valor afetivo por parte da mulher, que se toma do instinto materno ao caracterizar a fêmea da ave encontrada em meio a seus ovinhos, como já confirmado em Nascentes (1966).

O desconhecimento científico do falante sobre a verdadeira constituição física da ave também pode ter contribuído para a existência de denominações como *fura-barreiro* e *pica-pau*, que detêm características distintas do *joão-de-barro*, mas se encontram facilmente em territórios que não constituem grandes centros urbanos.

Diante do exposto, constata-se que há muito a se pesquisar, haja vista o poder de criação que o homem possui, como o



também o possui para substituir o que já faz parte do sistema, arcaizando itens que fizeram parte do seu inventário linguístico.

Aqui foi realizada a análise geossociolinguística e semântico-lexical de apenas um item pertencente à fauna e a riqueza de denominações registradas nos atlas linguísticos concluídos *per se* já contempla o quão heterogênea é a língua falada no Estado e, a depender também de interferências sócio-históricas, antropológicas e geográficas, o conhecimento se torna ainda maior.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edilene Maria Oliveira. *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa. UFPB, 2009.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de et al. Variação Fônica e Léxico Semântica no Português do Brasil a Partir dos Dados do projeto ALiB. In: SÁ JUNIOR, Lucrécia de; MARTINS, Marco Antonio. (Org.). *Rumos da Linguística Brasileira: Historiografia, Gramática e Ensino*. 1ªed. São Paulo: Blucher, 2016, v. 01, p. 73-95.

\_\_\_\_\_. Relações Língua, Sociedade e Cultura na linguagem popular do Ceará. *Revista de Letras* – Nº. 32 - Vol. (1) - jan./jun. – 2013.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3.ed. brasileira. 2v. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. *A natureza do pantaneiro: relações sociais e representação de mundo no "Pantanal da Nhecolândia"*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.

BARBOSA, M. Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. *Anais*. Assis; UNESP, 1993.

BIDERMAN, M. Tereza. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

\_\_\_\_\_. Léxico, Testemunho de uma cultura. In *Anais do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica*. Santiago de Compostela. Fundación Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa, La Coruña : Fundación Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa, 1990

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 2009 [1971].

CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Vol. 1 e 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter J. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge. University Press, 1998.

VARIANTES LEXICAIS PARA  
JOÃO-DE-BARRO EM ATLAS  
LINGÜÍSTICOS...  
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.16,  
p. 156-171, jul./dez. 2020  
ISSN 2525-3441





COSERIU, Eugene. A geografia linguística. In: COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-116.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do litoral norte de São Paulo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2010.

FARIAS, Gilmar Ferreira de; BRITO, Manoel Toscano de; PACHECO, Gustavo Luis. *Aves de Pernambuco e seus nomes populares*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Joseane Cavalcanti. Atlas Linguístico de Buíque (ALIBUI). *Monografia de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura*. Arcoverde: UPE, 2010.

FIGUEIREDO, Luiz Fernando de Andrade. *I Boletim CEO*. N° 11, Janeiro de 1995. p. 2-6

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras...In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs) *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LOPES, José Antonio Muniz et al. *Brasil 500 Pássaros*. Brasília: Eletronorte, 2000.

MARGOTTI, Felício Wessling. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. *Anais do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Porto Alegre*. Pelotas: Educat, 2008, p.1-9.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, Vol. I, 1958.

\_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*. 2 ed. Recife: CEPE, 2013.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et al. No céu do Maranhão, cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. MOTA Jacyra Andrade; PAIM Marcela Moura Torres (orgs.) *Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012.

ROCHA, Ruth. *Dicionário com divisão silábica*. São Paulo: Scipione, 2001.





SÁ, Edmilson José de. *Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó e Ipanema de Pernambuco (ALQUIMPE)*. Relatório de Pós-doutorado em Letras. Belém: UFPA, 2018.

\_\_\_\_\_. (org.) *Atlas Linguístico Bidimensional do Sertão do Pajeú Pernambucano (ALBISERPE)*. Arcoverde: CESA, 2017.

\_\_\_\_\_. *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)*. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Letras. João Pessoa: UFPB, 2013.

SANTANA, Isamar Neiva. *Vocabulário dialetal baiano*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Salvador: UFBA, 2017.

SILVA, Franciedson José da. *Atlas Linguístico da Pedra (ALIPED)*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura. Arcoverde: CESA, 2018.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. *Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)*, I, 1-2, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

Recebido em 27 de julho de 2020.

Aprovado em 14 de setembro de 2020.

## LEXICAL VARIANTS FOR 'JOÃO-DE-BARRO' IN PERNAMBUCO LINGUISTIC ATLASES

**ABSTRACT:** This article is intended to present a study of linguistic variation of lexical nature in spite of checking the names recorded in some Pernambuco linguistic atlases. For now, the answers for the question of the Semantic-Lexical Questionnaire 066 (ALiB, 2001) applied in Pernambuco on variants for 'joão-de-barro.' It was noticed that the richness of the Brazilian fauna goes beyond the specimens studied in ornithology, but in the variety of denominations with what the bird is known in the state. In the regional-popular speech, variants such as *joão-de-barro*, *joana-de-barro*, *maria-de-barro* e *fura-barreiro* were recorded more markedly, which attests to the existence of cultural ties that define and characterize a community and it is reinforced through the lexicon.

**Keywords:** Lexicon; João-de-barro; Pernambuco Linguistic atlases